

“Na desordem do armário embutido”*: a afirmação da identidade como um sacramento

Ana Ester Pádua Freire**

Resumo:

“Sair do armário” é um termo metaforicamente usado para relatar quando uma pessoa LGBT decide assumir socialmente sua orientação sexual ou identidade de gênero diversa da norma cis-heterossexual. O armário diz respeito à intimidade, por isso faz menção a uma socialização da intimidade, quando o privado torna-se público. A afirmação da identidade sexo-divergente esbarra na luta por reconhecimento e respeito aos homossexuais, que no Brasil teve seu início na década de 1970. As influências dos movimentos sociais da época foram eficazes para impulsionar a transformação das relações sociais de gênero e poder, também, no interior das práticas religiosas. Nesse contexto, o presente artigo pretende relacionar a afirmação da identidade com os dispositivos de controle usados pela religião para regulação dos corpos. Afinal, o ministério da mediação entre o profano e o sagrado ainda é prerrogativa majoritária dos homens. Essa dominação masculina, patriarcal e androcêntrica causa, principalmente na produção e controle do conhecimento, relações de poder social e sexualmente hierarquizadas.

Palavras-chave: Teologia queer; Identidade LGBT.

Abstract:

"To come out of the closet" is a term metaphorically used to report when an LGBT person decides to socially assume his or her sexual orientation or gender identity other than the cis-heterosexual norm. The closet concerns intimacy, so it makes mention of a socialization of intimacy, when the private becomes public. The assertion of the sex-divergent identity comes in the struggle for recognition and respect for homosexuals, which began in Brazil in the 1970s. The influences of the social movements of the time were effective in driving the transformation of social relations of gender and power, as well, within religious practices. In this context, the present paper intends to relate the identity affirmation with the control devices used by the religion for the regulation of the bodies. After all, the ministry of mediation between the profane and the sacred is still the majority prerogative of men. This masculine, patriarchal, and androcentric domination causes, mainly in the production and control of knowledge, socially and sexually hierarchical relations of power.

Keywords: Queer theology; LGBT identity.

* Trecho da música “Eu te amo” de Chico Buarque, 1980.

** Doutoranda em Ciências da Religião, pela PUC Minas. Jornalista, teóloga e mestra em Ciências da Religião. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

“Sair do armário” na questão da religiosidade - compreendendo esta como uma experiência pessoal e individual de espiritualidade, construída a partir de vivências anteriores em instituições religiosas e fora delas - mostra que o exercício do poder está assegurado a quem detém os meios simbólicos para produzir o saber institucionalizado. No cristianismo, por exemplo, historicamente, a constituição do saber, o privilégio de pronunciar o discurso oficial da instituição e o ministério da mediação entre o profano e o sagrado eram prerrogativas dos homens. Essa dominação masculina, patriarcal e androcêntrica, principalmente na produção e controle do conhecimento produziam, por implicação, relações de poder social e sexualmente hierarquizadas. Segundo Durkheim (1989), na teologia e na ética cristãs, os homens podiam estabelecer a desigualdade de gênero através dos discursos e práticas que normatizavam os papéis sociais para homens e mulheres, sobre o que seria natural ao mundo feminino e o que pertenceria ao mundo masculino.

Observa-se, nesse contexto, que as igrejas cristãs historicamente alimentaram essa ordem social de gênero ao reproduzir a desigualdade e a divisão sexual de papéis no interior de suas estruturas organizacionais, a partir da mesma perspectiva da dominação masculina na família e na sociedade. Pois, conforme Bourdier (2004), a igreja contribuiu para a manutenção da ordem política e, portanto, para o reforço das divisões desta ordem.

Quando a¹ homossexual assume sua sexualidade, muitas vezes observa-se que, segundo Martos (2012), pela pressão da religião e da sociedade, muitos *gays* procuram na religião a fuga da homossexualidade, oram, jejuam, fazem promessas, correntes, campanhas, frequentam compulsivamente a igreja, buscam incessantemente se livrar do que muitos consideram apenas um comportamento.

Para Martos (2012, p. 74):

[...] uma discussão sobre sexualidade não pode ser realizada sem a abordagem de temáticas religiosas, pois, como bem se sabe as religiões em geral, com algumas exceções, condenam veementemente o comportamento sexual atípico, ou seja, o comportamento que foge da padronização sexual imposta muitas vezes pelos próprios dogmas religiosos. É importante ressaltar que essa aversão a outros tipos de comportamento sexual não atinge somente o comportamento homossexual, mas sim, inúmeras formas de manifestação da sexualidade humana que fogem do convencional, inclusive práticas perfeitamente possíveis na heterossexualidade, como o sexo anal por exemplo. Na verdade, é condenável por boa parte das religiões, com especial destaque pelas religiões cristãs o sexo que não seja para fins de procriação, condenando-se, conseqüentemente, o sexo praticado apenas pela obtenção de prazer, instituindo a padronização da sexualidade.

Na contemporaneidade brasileira, o que se observa em termos de religiosidade é que as militantes da homossexualidade têm buscado os direitos homossexuais cada vez mais discutidos e com maior visibilidade social. Ainda que sejam estas atreladas às doutrinas cristãs majoritárias no Brasil, que apontam a homossexualidade como ameaça à família e o reconhecimento de seus direitos como ameaça às liberdades de expressão e religiosa.

À religiosidade é atribuída a legitimidade para normatizar o *ethos* privado e a dimensão sagrada da construção da sexualidade, dos corpos e dos desejos. Há, então, a presença de uma ordem moral e padrões de conduta considerados ideais e cada denominação religiosa desenvolve modos específicos de orientação nos comportamentos e na disciplina de seus seguidores. Os conflitos envolvendo a homossexualidade estão

¹ O masculino e o feminino serão utilizados de maneira aleatória, na busca por não usar apenas o coletivo masculino ou o feminino.

diretamente relacionados com questões de identidade e desejo. Esses conflitos não só dilaceram igrejas em termos mundiais, mas também incidem profundamente sobre as vidas e as histórias de vida de indivíduos. A influência da religiosidade frente às questões da diversidade sexual na atualidade pode ser claramente percebida na construção do entendimento que se tem sobre a homossexualidade, visto que a mesma é estruturada a partir de um discurso social sedimentado nas referências simbólicas que ditam os parâmetros sexuais daquilo que é considerado como normalidade (SILVA *et al*, 2008).

A religião e suas interpretações a respeito da homossexualidade são com frequência mantenedoras de significados negativos que dificultam mudanças necessárias para a aceitação e legitimação da mesma. Nessas denominações as crenças religiosas do que é puro ou impuro dificultam a aceitação e a mudança social mais ampla; isto se torna evidente nas situações em que homens e mulheres com orientação homossexual afastaram de suas respectivas igrejas para vivenciarem sua homossexualidade, ou ainda, procuraram uma igreja inclusiva que aceitasse o homossexual, buscando uma participação em congregações que abordavam uma homossexualidade santificada, que permitisse a vivência da mesma nos moldes cristãos, ou seja, tirando a conotação de pecado da homossexualidade e atribuindo-o às atitudes de promiscuidade, infidelidade, sexo fora do casamento-gay (NATIVIDADE, 2010).

“Sair do armário” e assumir sua sexualidade é ver a homoafetividade como algo a ser vivido pelas pessoas que se relacionam, revelando-se como éticos os comportamentos de não julgar e agir de forma desrespeitosa. A história e os princípios de cada ser e/ou grupo social são particulares. De acordo com os princípios cristãos, contemplados na Bíblia Sagrada, não parece coerente utilizar a religião para justificar o preconceito, haja vista a defesa da pluralidade de valores (LOURO, 2010).

Então, o “sair do armário” esbarra em fobias profundas e variadas, em insegurança e, conforme Alves (2005), a noção de segurança x insegurança decorre da violência não-física com a qual está habituada a conviver. A sensação de insegurança em locais públicos e, por conseguinte sentir-se segura apenas em locais privados decorre do fato de que a heterossexualidade é encenada publicamente, é permitida ao público, restando à homossexualidade o espaço privado.

É possível que, com o passar do tempo da afirmação de sua identidade, o homossexual acabe se acostumando com a violência dos olhares, com sentir-se inseguro em espaços desconhecidos, em ser rechaçado apenas porque está existindo a partir de uma experiência estigmatizada, uma vez que a violência é estruturadora da subjetividade e é preciso aprender a conviver com estas cenas violentas, e articular uma boa dose de resistência e coragem para garantir uma vivência enquanto homossexual. Segundo Goffman (2002), o estigma é um atributo depreciativo compreendido como uma linguagem de relações que deteriora uma identidade e normaliza outra. Assim, “sair do armário” é assumir-se como desviante², tendo a identidade social real não em conformidade com a identidade social virtual que a sociedade deseja.

As relações humanas e seus aspectos afetivo-sexuais devem ser compreendidos de forma que se leve em conta a cultura, o tempo, o lugar e os demais aspectos relacionais, contextuais e processuais que as envolvem. Muitas têm sido as mudanças observadas nas relações de intimidade e na expressão da sexualidade nos contextos públicos nas últimas décadas.

Assumir sua orientação sexual implica em considerações tais como entender que as categorias de gênero são hierarquizadas, binárias e relacionais. Sendo que a cultura vigente privilegia a diferença sexual como sendo a base da identidade de gênero. As

² O termo desvio alia-se com a teorização de Goffman (1978), como destoante a qualquer membro individual que não adere às normas, e denominar desvio a sua peculiaridade.

diferenças anatômicas entre os sexos são tomadas como base para dividir o mundo entre homens e mulheres e também para definir quem deve se sentir masculino ou feminino.

Simões e Facchini (2009) relatam que “sair do armário” passa pelas conexões entre desejo, comportamento e o modo como as pessoas se percebem, e também são fruto das convenções, contingências e constrangimentos sociais. Mesmo os fatos supostamente naturais ou biológicos do sexo são sujeitos à interpretação e reinterpretação no contexto de um discurso específico sobre o sexo e sobre a identidade. No discurso vigente, há um modelo ideal de sexualidade que é considerado saudável: entre adultos, dotados de identidade de gênero adequada ao sexo biológico, com vínculo conjugal monogâmico.

Há, então, uma expectativa social sobre o comportamento das pessoas que se constrói a partir de oposições entre masculinidade que é associada à atividade sexual e feminilidade, associada à passividade sexual. E, de acordo com Heilborn (2004), a identidade sexual ganha sentido num contexto histórico-cultural delimitado ao se ancorar e se impregnar do lugar que a sexualidade ocupa nas sociedades ocidentais e adquire relevância na composição da identidade do sujeito.

Assumir sua sexualidade traz a perspectiva de compreendê-la como construção social e decorrente de aprendizado, encontra-se também a ideia de que o sujeito, no exercício da sua sexualidade, deve ser condutor de suas escolhas ao longo de sua trajetória sexual e não alguém que está sob o comando irracional de instintos, impulsos e nem como alguém que simplesmente se assujeita aos discursos sobre sexualidade. No exercício da sexualidade, a pessoa - como sujeito sexual - está permanentemente interpelada por diferentes discursos pelos distintos contextos intersubjetivos e que deve ser uma agente autônoma inclusive para lidar com os muitos discursos sobre o sexo que, por vezes, são até contraditórios (PAIVA, 2008).

Há de se considerar, conforme Rios (2007), que a sexualidade integra a própria condição humana. É um direito fundamental que acompanha o ser humano desde o seu nascimento, pois decorre de sua própria natureza. Como direito do indivíduo, é um direito natural, inalienável e imprescritível. Ninguém pode realizar-se como ser humano, se não tiver assegurado o respeito ao exercício da sexualidade, conceito que compreende a liberdade sexual, albergando a liberdade da livre orientação sexual.

O assumir-se gera diversas dúvidas e anseios por mais que se pareça simples; o ato de visibilizar a sexualidade não dominante também traz diversas implicações sociais e inúmeras especificidades de acordo com o contexto de cada indivíduo. É um processo que envolve uma série de negociações de ordem simbólica e prática, podendo ocorrer em diversas etapas, e talvez nunca completamente (SEDGWICK, 2007). Sair ou não do armário pode não se configurar como opção, seja pelo fato de outras pessoas forçarem a saída ou pela dificuldade em obedecer aos jeitos masculinos e comportamentos de mulheres que são prescritos socialmente. O posicionamento adotado estrategicamente de estar no armário é usado para que se possa evitar a opressão da norma heteronormativa.

Assim, muitas vezes, o armário não é uma escolha individual: é uma necessidade de segurança. A decisão de sair dele não depende da coragem ou capacidade individual. Assumir-se pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte. O assumir-se traz temores e sofrimentos, e a exposição se mantém em um ato de negociação constante da pessoa com o mundo em um processo complexo, ora libertador ora ameaçador, oscilando em diversos contextos e situações da vida cotidiana.

Para West (2016), “sair do armário” deve ser compreendido como sacramento. Tomando sacramento como um ato que media a graça e o mistério de Deus, para a autora, assumir-se LGBT diz respeito a uma dimensão espiritual, pois compreende a identidade, a natureza divina e a imagem de Deus. A religião, em uma perspectiva antropológica,

deve, necessariamente, abordar esse novo sujeito moderno. Sujeito sexual, que “sai do armário”, vestido de medos e inseguranças advindos da realidade na qual está inserido, mas também vestido de um novo arcabouço de ideias e fundamentos que privilegiam sua saída como sendo um ideal libertário. Afinal de contas, “a desordem do armário embutido”, já não pode mais nos conter.

Referências

ALVES, Andréa Moraes. Algumas reflexões sobre sexo, idade e cor. *Cardeno CRH*, Salvador, v.17, n.42, p.357-364, set./dez., 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Org. trad. Sergio Miceli. 5ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MARTOS, José Maria Fernández-Martos et al. *Homossexualidade: ciência e consciência*. São Paulo: Loyola, 2012.

NATIVIDADE, Marcelo. *Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal*. *Religião e Sociedade*, 30(2). 2010.

PAIVA, V. *A Psicologia redescobrirá a sexualidade?* In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.13, n.4, p.641-651, out.-dez. 2008, Depto. de Psicologia. Universidade Estadual de Maringá. 2008.

RIOS, Roger Raupp. Direitos Fundamentais e Orientação Sexual: o Direito Brasileiro e a Homossexualidade. *Revista CEJ do Centro de Estudos Judiciários do Conselho da Justiça Federal*. Brasília. dez. 2007. nº 6.

SEDGWICK, Eve Kosofky. *A epistemologia do armário*. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVA, C. G; SANTOS, A.O; LICCIARDI,D.C; PAIVA,V. Religiosidade juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 683-692, out./dez. 2008.

SIMÕES, Júlio; FACCHINI, Regina. Paradoxos da Identidade. In: *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

WEST, Mona. *Coming out as a sacrament*. 2016. Disponível em: www.mccchurch.org. Acesso em: 29 jun. 2017.